



CULTURA ELITISTA E CULTURA DE MASSA EM *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*



ELITIST CULTURE AND MASS CULTURE ON *ENSAIO SOBRE A CEGUEIRA*

JEYMESON DE PAULA VELOSO

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | O AUTOR
RECEBIDO EM 31/07/2020 • APROVADO EM 17/10/2020

Abstract

This article aims a reading on the novel **Blindness** (1995), by the portuguese writer José Saramago, addressing the relationship between elitist culture and mass culture as one of the paradoxes of postmodernism. The relationship between elitist culture and mass culture is one of the indexes that contributes greatly to the fragmentation of the postmodern narrative. Postmodernist novels use the structure of mass culture to question their paradigms from within. On **Blindness**, this paradoxical approach is evidenced, in the presence of countless popular sayings, sometimes parodically modified, coexisting with the unusual use of punctuation marks, which requires a more accurate and attentive reading. To engage in such a dialogue, we will use the theoretical studies of Jean-François Lyotard, Fredric Jameson and Andreas Huyssen to discuss postmodernity as a new socio-political-cultural moment, in addition to the works of Linda Hutcheon and Ana Paula Arnaut, presented in opposition to the criticism of Terry Eagleton. It was found that, although addressed separately, the contradictory and paradoxical relationship between elitist culture and popular culture contributes to the fragmentation of the narrative and to the reading of the novel as a postmodernist work.

Resumo

O presente artigo objetiva realizar uma leitura do romance **Ensaio sobre a cegueira** (1995) do escritor português José Saramago, abordando a relação entre cultura elitista e cultura de massa como um dos paradoxos do pós-modernismo. A relação entre as duas culturas é um dos índices que contribui sobremaneira para a fragmentação da narrativa pós-moderna. Os romances pós-modernistas utilizam a estrutura da cultura de massa para questionar a partir de dentro os seus paradigmas. Na obra em discussão, essa aproximação paradoxal fica evidenciada na presença de inúmeros ditados populares, por vezes modificados parodicamente, coexistindo com a utilização inabitual dos sinais de pontuação que exige uma leitura mais apurada e atenciosa. Para travarmos tal diálogo, utilizaremos os estudos teóricos de Jean-François Lyotard, Fredric Jameson e Andreas Huyssen para discutir a pós-modernidade como um novo momento sócio-político-cultural, além dos trabalhos de Linda Hutcheon e Ana Paula Arnaut, apresentados em contraponto à crítica de Terry Eagleton. Verificou-se que, embora abordada separadamente, a relação contraditória e paradoxal entre cultura elitista e cultura popular concorre para a fragmentação da narrativa e para a leitura do romance como uma obra pós-modernista.

Entradas para indexação

KEYWORDS: Postmodernism. José Saramago. Blindness. Elitist culture. Popular culture.

PALAVRAS-CHAVE: Pós-modernismo. José Saramago. Ensaio sobre a cegueira. Cultura elitista. Cultura popular.

Texto integral

1. INTRODUÇÃO

Mesmo tentando distanciar este artigo de um tom biográfico, a história da vida de José Saramago é um campo onde encontramos importantes direcionamentos a respeito das suas obras literárias. Nascido no vilarejo de Azinhaga, na província do Ribatejo em Portugal, suas criações literárias possuem estreitas ligações com as suas origens relacionadas à cultura popular e com seus posicionamentos na seara político-ideológica. Autodeclarado comunista e ateu, seus livros lançam um olhar muito peculiar sobre os fatos históricos, as narrativas religiosas, as relações humanas e os posicionamentos políticos do homem.

O primeiro livro em que encontraremos as marcas estilísticas que hoje identificam a obra saramaguiana é **Levantado do chão** (1980). Nessa obra, além da forte oralidade, da constante citação de provérbios populares e do tom irônico, encontraremos ainda as constantes digressões do narrador, o diálogo questionador com o leitor, os parágrafos longos e a utilização peculiar dos sinais de pontuação. Depois dessa obra, Saramago desponta como um dos maiores escritores de Portugal, tornando-se em 1998 o único escritor de língua portuguesa a ganhar o Prêmio Nobel de Literatura.

O romance que propomos analisar, **Ensaio sobre a cegueira** (1995)¹, aborda a fragilidade dos relacionamentos humanos, numa referência ao atual comportamento social contemporâneo. Para tanto, seu enredo narra a história de uma avassaladora epidemia de cegueira que assola toda a sociedade. Saramago compõe seu mosaico do caos ao obliterar o órgão mais estimulado no contexto da sociedade pós-moderna: a visão. Diante dessa condição, o autor nos apresenta um quadro das relações humanas, mostrando suas fraquezas e sua força; seus vícios e suas virtudes. Surgem a partir das digressões do autor-narrador questionamentos sobre o tipo de comportamento moral e ético que os cegos terão que travar uns com os outros. É neste cenário, no qual todos perdem a visão, com exceção da personagem mulher do médico, que se desenvolverá a narrativa saramaguiana, produzindo uma plausível metáfora da sociedade pós-moderna.

Diante deste cenário, propomos demonstrar, através das bases teóricas oferecidas sobre o pós-modernismo, a plausibilidade da leitura do **ESC** como uma obra de estética pós-modernista. Para alcançar esse objetivo, recorreremos constantemente aos teóricos citados, principalmente Linda Hutcheon e Ana Paula Arnaut.

O estudo que propomos justifica-se pela necessidade, cada vez mais presente na contemporaneidade, de compreender de que maneira as modificações sociais trazidas pela pós-modernidade repercutem na cultura, especialmente, na literatura, tendo em vista que podemos identifica-las no questionamento das grandes narrativas que construíram a modernidade, no despertar de dilemas identitários e na sociedade cada vez mais dependente das imagens. Ao discutirmos essas questões, tentamos contribuir para o alargamento dos Estudos Literários sob a perspectiva pós-modernista e, ao mesmo tempo, colaborar com a vasta fortuna crítica do escritor José Saramago. Dessa maneira, estudar através da literatura os reflexos da sociedade pós-moderna cada vez mais individualista e homogeneizada pela sociedade de consumo sob a perspectiva de um prêmio Nobel de visão comunista, se torna mais que uma possibilidade, se torna uma urgência.

2. APROXIMAÇÃO ENTRE CULTURA ELITISTA E CULTURA DE MASSA

A aproximação entre a cultura elitista e a cultura de massa surge como um aspecto que possibilita a leitura do **ESC** como um romance pós-modernista. A característica de aproximar essas duas culturas representa mais um dos paradoxos pós-modernos ainda não totalmente abordados nos debates acerca do termo e que pode ser observado no fato intrigante desses romances serem ao mesmo tempo *best-sellers* e objeto de profundos estudos acadêmicos. Hutcheon (1991) explica nestes termos a aproximação entre a cultura de massa e a cultura elitista:

¹ Para este trabalho utilizamos a 45ª reimpressão do romance **Ensaio sobre a cegueira**, publicada em 2008. Para facilitar a leitura, utilizaremos no decorrer da dissertação a sigla **ESC** para nos referirmos ao romance **Ensaio Sobre a Cegueira**.

Eu afirmaria que, como textos contraditórios tipicamente pós-modernistas, romances desse tipo usam e abusam, de forma paródica, das convenções das literaturas popular e de elite, e o fazem de maneira tal que podem de fato *usar* a agressiva indústria cultural para contestar, a partir de dentro, seus próprios processos de co-modificação. (HUTCHEON, 1991, p. 40, grifo da autora).

Em **ESC**, essa aproximação paradoxal fica evidenciada na presença de inúmeros ditados populares, por vezes modificados parodicamente, coexistindo com a utilização inabitual dos sinais de pontuação, que exige uma leitura mais apurada e atenciosa. Por outro lado, esta utilização atípica dos sinais de pontuação tem a capacidade de aproximar os diálogos contidos no texto da oralidade própria da realidade comunicativa extraliterária.

Os ditados populares, que invariavelmente permeiam a oralidade, encontram-se em grande número em todos os romances de Saramago e **ESC** não constitui exceção à regra. Logo na epígrafe da obra, encontramos o primeiro ditado retirado de um suposto **Livro dos conselhos** que, por ser uma referência criada por Saramago, nos leva a acreditar que esse suposto livro seja a própria sabedoria popular, configurando a primeira referência a essa cultura.

Na epígrafe, “Se podes olhar, vê. Se podes ver, repara” (SARAMAGO, 2008, p. 9), Saramago sintetiza o sentido que ele dará a sua obra. A frase com aura de ditado popular possui uma gradação verbal que potencializa a capacidade de *olhar* do ser humano. O verbo *olhar* contido na epígrafe se apresenta como um ato passivo, totalmente destituído de ação. Em um segundo momento, temos a capacidade de *ver*, que seria um segundo estágio. O **Dicionário Aurélio** distingue os dois verbos que inicialmente poderiam parecer sinônimos. Segundo o dicionarista, *olhar* significa “fitar os olhos ou a vista (em); mirar” (AURÉLIO, 1986, p. 497), já o verbo *ver* significa “conhecer ou perceber pela visão” (Ibidem, p. 706). Nota-se claramente que o primeiro verbo remete a um ato passivo e o segundo a um esforço de conhecer. Na sequência gradativa da epígrafe, surge o verbo *reparar* que possui dupla conotação, uma com o sentido de “Dirigir ou fixar a vista, a atenção em; notar; perceber” (Ibidem, p. 597), e a outra com o sentido de “Consertar, restaurar” (Ibidem, p. 597). Esse último verbo que fecha a epígrafe transfere para o homem a responsabilidade da ação, chamando nossa atenção, enquanto leitores, para a responsabilidade que cada um tem de transformar sua realidade.

Posteriormente, ao adentrarmos a obra, encontramos um texto repleto de ditados populares reforçando a aproximação com a cultura popular conforme poderemos atestar nos seguintes trechos: “Assim como o hábito não faz o monge, também o ceptro não faz o rei, esta é uma verdade que convém não esquecer” (SARAMAGO, 2008, p. 204), ou ainda, “a pele delas cheira a detergente que tresanda, mas assim é a vida, quem não tem cão caça com gato, o sabonete desfez-se num abrir e fechar de olhos [...]” (SARAMAGO, 2008, p. 268), dentre outros².

² Os ditados populares surgem ainda nas páginas 103, 106, 169, 170, 198, 269, 273.

Saramago, no entanto, não utiliza apenas os ditados populares da maneira como estão cimentados na linguagem popular. Em uma típica atitude pós-modernista de questionamento, o autor de **ESC** os apresenta modificados de forma paródica ou pela voz das personagens reafirmando e colocando em prática o ensinamento da epígrafe que nos aconselha a reparar aquilo que chega até nós pela visão ou pela própria linguagem.

Pois que infectem e que cheirem, pela parte que me toca não tenciono mexer uma palha enquanto não tiver comido, já dizia o outro que primeiro come-se, depois é que se lava a panela, O costume não é esse, o teu ditado está errado, em geral depois dos enterros é que se come e se bebe, Pois comigo é ao contrário. (SARAMAGO, 2008, p. 103).

O autor-narrador também repara ditados populares como podemos observar na passagem: “[...] já se sabe, água mole em brasa viva tanto dá até que apaga, a rima que a ponha outro” (SARAMAGO, 2008, p. 213). O ato de parodiar os ditados populares, reescrevendo-os e os apresentando sob uma nova perspectiva, reflete o caráter de construção da obra de arte literária, ao tempo em que retira o leitor da confortável posição de simples receptor passivo da obra.

Por vezes o autor-narrador questiona o estatuto da própria oralidade ao interrogar a lógica de determinado ditado popular, conforme observamos na passagem: “Mas era inútil contar com estes para a guerra, não poderiam nem com uma gata pelo rabo, modo de dizer muito antigo que se esqueceu de explicar por que extraordinária razão é mais fácil levar pelo rabo uma gata que um gato” (SARAMAGO, 2008, p. 196). A digressão realizada pelo autor-narrador fratura o fluxo narrativo, demonstrando o caráter ficcional da obra, por conseguinte, quebra a expectativa do leitor, levando-o a questionar a narrativa, além de conter um teor humorístico.

As modificações paródicas realizadas nos ditados populares recebem uma explicação dentro do próprio **ESC**. O esclarecimento é realizado pelo personagem velho da venda preta, conforme podemos verificar no trecho:

Na varanda, a mulher do médico puxou para dentro um alguidar quase cheio de água, Agarra daí, disse ao velho da venda preta guiando-lhe as mãos, Agora, levantaram o alguidar em peso, Ainda bem que vieste ajudar-me, afinal, eu sozinha não poderia, Conheces o ditado, Qual ditado, O trabalho do velho é pouco, mas quem o despreza é louco, Esse ditado não é assim, Bem sei, onde eu disse velho, é menino, onde eu disse despreza, é desdenha, mas os ditados, se quiserem ir dizendo o mesmo por ser preciso continuar a dizê-lo, têm de adaptar-se aos tempos, És um filósofo, Que ideia, só sou um velho. (SARAMAGO, 2008, p. 269).

Fica evidente a parodização do ditado popular realizada pelo velho da venda preta, justificada pela força das mudanças que alcançam os tempos, demonstrando a existência de uma readequação histórica da linguagem.

Trilhando o caminho inverso da modernidade, o romance pós-modernista busca aproximar cultura de massa e cultura elitista, dessa forma Saramago usa e abusa da oralidade, dos ditados populares e reinventa a pontuação, exigindo uma maior acuidade dos leitores, com o intuito de aproximar a cultura de massa e a cultura de elite. Às vezes, a reinvenção ocorre para criticar, exatamente, o que Rafael Morello Fernandes (2008) afirma ser o cerne da cultura moderna, qual seja, a ciência que despreza a capacidade de conhecimento subjetivo. O pesquisador avalia que:

Desde a chamada Modernidade, parecia-nos que a realidade possuía uma estrutura rigorosamente objetiva e que seríamos capazes de conhecê-la pela nossa razão e dominá-la por meio dos progressos constantes da técnica. A ciência era vista como a grande boa-nova que, enfim, libertaria a humanidade do conhecimento baseado na capacidade subjetiva de sábios, já que haveria agora um método capaz, inegavelmente, de assegurar a verdade de forma objetiva. (FERNANDES, 2008, p. 12).

Em **ESC**, Saramago nos relembra a importância de valorizarmos outro tipo de conhecimento diferente do científico, aquele que parte do senso comum, da subjetividade, e que foi desvalorizado durante a modernidade. Desta forma, percebemos a interligação entre as características do pós-modernismo que se referem à oralidade e o uso dos ditados populares e a questão da crítica à ciência e à técnica.

Ainda nesta seara, observamos que o uso dos ditados populares no **ESC** é uma maneira de demonstrar respeito ao conhecimento popular, respeito às tradições e aos ensinamentos dos antepassados, como fica evidenciado pelo autor-narrador do romance no seguinte trecho:

Acaso noutras camaratas haverá mais mulheres do que homens, mas uma regra não escrita, que o uso fez aqui nascer e depois tornou lei, manda que todas as questões devam ser resolvidas dentro das camaratas em que tenham sido suscitadas, a exemplo do que ensinavam os antigos, cuja sabedoria nunca nos cansaremos de louvar, Fui a casa da vizinha, envergonhei-me, voltei para a minha, remediei-me. (SARAMAGO, 2008, p. 170).

A utilização dos ditados populares reflete em José Saramago o questionamento da ciência moderna que compreende o conhecimento narrativo transmitido pelas classes populares, como arcaico, ultrapassado, primitivo etc. Porém, a ciência moderna, apesar de basear-se na utilização de enunciados denotativos para formular suas teorias, necessita de enunciados conotativos,

advindos da narração, para atingir a sociedade. Com isso, ela constrói um paradoxo que encontra eco na crise da legitimidade do saber científico identificada por Lyotard (2011).

Ao passo em que cita e, por vezes, reinventa os ditados populares, exaltando a importância dos ensinamentos dos antepassados, Saramago apresenta, paradoxalmente, uma escrita que inevitavelmente exige uma maior disposição interpretativa do seu leitor, além de exigir um esforço cognitivo capaz de assimilar a pontuação inusual dos seus romances. Essa pontuação diferenciada permite que as vozes das personagens mudem incessantemente com a simples utilização da vírgula e da inicial maiúscula, tornando o texto mais dinâmico e os diálogos mais velozes, conforme podemos verificar no diálogo estabelecido entre o primeiro cego e a sua mulher transcrito abaixo:

A mulher vinha a entrar, nervosa, transtornada, O santinho do teu protector, a boa alma, levou-nos o carro, Não pode ser, não deves ter visto bem, Claro que vi bem, eu vejo bem, as últimas palavras saíram-lhe sem ela querer, Tinhas-me dito que o carro estava na rua ao lado, emendou, e não está, ou então deixaram-no noutra rua, Não, não, foi nessa, tenho a certeza, Pois então levou sumiço, Nesse caso, as chaves, Aproveitou-se da tua desorientação, da aflicção em que estavas, e roubou-nos, E eu que nem o quis deixar entrar em casa, por medo, se tivesse ficado a fazer-me companhia até tu chegares, não poderia ter roubado o carro, Vamos, temos o táxi à espera, juro-te que era capaz de dar um ano de vida para que esse malandro cegasse também, Não fales tão alto, E lhe roubassem tudo quanto tenha, Pode ser que apareça, Ah, pois, amanhã bate-nos aí à porta a dizer que foi uma distracção, a pedir desculpa, e a saber se estás melhorzinho. (SARAMAGO, 2008, p. 20).

A pontuação utilizada por Saramago nos diálogos apresenta um carácter paradoxal, pois ao tempo em que confere à narrativa uma dinâmica e uma velocidade características da oralidade, exige uma maior acuidade durante a leitura. Com isso, Saramago aproxima a cultura elitista, associada à ideia de hermetismo, e a cultura popular, vista como mais acessível.

Mantendo o carácter pós-moderno de utilizar-se daquilo que critica, o autor-narrador do **ESC** repetidas vezes cita a palavra Deus, no entanto, sempre conotando ser apenas um jogo de palavras que o hábito nos acostumou a citar e a ouvir. Com isso, Saramago levanta mais uma vez os olhos do leitor para o carácter de discurso da obra literária, nos remetendo novamente ao aspecto da oralidade presente na obra. Poderemos observar essa questão quando o autor-narrador descreve o massacre dos cegos no manicômio:

Dominando, só Deus sabe como e porquê, um legítimo medo, avançaram até ao limiar da porta e despejaram os carregadores. Os cegos começaram a cair uns sobre os outros, caindo recebiam

ainda no corpo balas que já eram um puro desperdício de munição, foi tudo tão incrivelmente lento, um corpo, outro corpo, parecia que nunca mais acabavam de cair, como às vezes se vê nos filmes e na televisão. (SARAMAGO, 2008, p. 88).

Outro aspecto que demonstra a aproximação entre cultura de massa e cultura elitista diz respeito ao grande sucesso que estas obras alcançam junto ao público, em especial o romance **ESC**, que permaneceu diversas semanas no topo dos livros mais vendidos em Portugal e no Brasil, se tornando um *best-seller*, o que, por outro lado, atrai a atenção dos acadêmicos, tornando objeto de inúmeros trabalhos científicos.³

3. CONCLUSÃO

A aproximação entre cultura elitista e cultura de massa foi exacerbada, dentre outras coisas, pela capacidade de acesso à informação e pela capacidade de reprodutibilidade técnica da obra de arte, aliadas as estratégias de difusão da cultura de massa. Saramago encontra-se em posição privilegiada nesse ponto, figurando como um dos escritores mais lidos do mundo, tendo suas obras literárias adaptadas para o cinema e, com isso, realimentando a cadeia de consumo dos seus romances. Diante dessas ações, percebemos que ele utiliza o mercado para difundir seus romances que contém críticas ao próprio sistema capitalista.

Quando Linda Hutcheon nos oferece o fio conceitual que imaginamos que nos levará à saída do labirinto pós-modernista, o resultado que alcançamos é o retorno ao centro, pois a saída que Hutcheon nos ensina fundamenta-se, principalmente, nas palavras paradoxal e contraditório, corroborando a hipótese que o pós-modernismo usa e abusa das características do modernismo e se utiliza frequentemente dos conceitos que desaprova. Portanto, o fio-conceito elaborado pela teórica aponta para um movimento circular infinito de constante renovação, o que faz sua definição ser demasiadamente instável, no entanto talvez seja esta a sua intenção.

Será importante esclarecer que, ao afirmarmos que Saramago escreve uma literatura de estética pós-modernista, não significa dizer que ele se posiciona favoravelmente a condição da sociedade pós-moderna. Este não é um raciocínio dedutivo. O que podemos verificar em sua obra é o caráter irônico e crítico com que ele aborda não só as correntes de pensamento que instituíram a modernidade, quanto as que instauraram a pós-modernidade como uma nova condição sócio-político-cultural, nos dando condições para atribuímos à sua obra a característica de ser paradoxal. Saramago não tem a preocupação de se encaixar nesta ou naquela corrente literária ou histórica, papel reservado aos críticos, porém fica

³ O grande sucesso do livro perante as massas populares foi estimulado em 2008 com a adaptação do romance para o cinema, pelo diretor brasileiro Fernando Meirelles, tornando-se a primeira obra de Saramago adaptada para a sétima arte, utilizando o que Hutcheon afirmou ser o uso da agressiva indústria cultural para contestá-la a partir de dentro, já que o autor é um crítico da ideologia capitalista.

evidente a utilização de um aparato sócio-político-cultural diverso daquele que vigorava no modernismo.

Referências

- AGUILERA, Fernando Gómez (Org.). **As palavras de Saramago**. Catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- ARNAUT, Ana Paula. **Post-modernismo no romance português contemporâneo**. Coimbra: Almedina, 2002.
- ARONOWITZ, Stanley. Pós-modernismo e política. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- BAUMAN, Zygmunt. **A Vida fragmentada: ensaio sobre Moral pós-moderna**. Lisboa: Relógio D'água Editores, 2007.
- BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era da reprodutibilidade técnica. In: _____. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CALBUCCI, Eduardo. **Saramago: um roteiro para os romances**. São Paulo: Ateliê Editorial, 1999.
- CONNOR, Steven. **Cultura pós-moderna: introdução às teorias do contemporâneo**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1993.
- EAGLETON, Terry. **As ilusões do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FERNANDES, Rafael Morello. **Pós-modernidade: uma leitura niilista e uma nova ontologia hermenêutica para o nosso tempo em Gianni Vattimo**. Dissertação apresentada ao programa de pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2008. Disponível em: . Acesso em: 15 ago. 2011.
- FERREIRA, Aurélio B. de Holanda. **Novo Aurélio – século XXI: o dicionário da língua portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 2003.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Imago. 1991.

- HUYSSSEN, Andreas. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque (Org.). **Pós-modernismo e política**. Rio de Janeiro: Rocco, 1991.
- JAMESON, Fredric. O pós-modernismo e a Sociedade de consumo. In: KAPLAN, E. Ann. **O mal-estar no pós-modernismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LEBRUN, Gerard. Sombra e luz em Platão. In: NOVAES, Adauto (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- LINS, Ronaldo Lima. **A indiferença pós-moderna**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2006.
- LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 14. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011.
- NAZARIO, Luiz. Quadro histórico do pós-modernismo. In: GUINSBURG, J; BARBOSA, Ana Mae (Org.). **O pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.
- NOVAES, Adauto. (Org.). **O Olhar**. São Paulo: Companhia das letras, 1988.
- PERRONE-MOISÈS, Leyla. **As artemages de Saramago**. Folha de São Paulo Online, São Paulo, 06/12/1998. Disponível em: <<http://biblioteca.folha.com.br/1/04/1998120602.html>>. Acesso em: 10 dez. 2012.
- REIS, José Carlos. **História & teoria: Historicismo, Modernidade, Temporalidade e Verdade**. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.
- SANTIAGO, Silviano. A explosiva exteriorização do saber. In: LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. 14. ed. Trad. Ricardo Corrêa Barbosa. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 2011. p. 125-131.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a Cegueira**. São Paulo: Companhia das letras, 2008.
- SARAMAGO, José. **Ensaio sobre a lucidez**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- SARAMAGO, José. **Evangelho segundo Jesus Cristo**. 9. ed. São Paulo: Cia das Letras, 1993.
- SARAMAGO, José. **História do cerco de Lisboa**. São Paulo: Cia. das Letras, 1989.
- SARAMAGO, José. **Levantado do Chão**. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SILVA, Teresa Cristina Cerdeira da. **José Saramago - Entre a história e a ficção: Uma saga de portugueses**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1989.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 7. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.

VATTIMO, Gianni. **O fim da modernidade**: niilismo e hermenêutica na cultura pós-moderna. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

Para citar este artigo

VELOSO, J. de P. Cultura elitista e cultura de massa em Ensaio sobre a cegueira. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli, Crato**, v. 10, n. 1, 2021, p. 360-370.

O Autor

JEYMESON DE PAULA VELOSO possui Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2009) e mestrado em Letras pela Universidade Federal do Piauí (2013). Doutorando em Letras na UFPI. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura contemporânea, atuando principalmente nos seguintes temas: Literatura e outras artes, Literatura Portuguesa, José Saramago, Pós-modernismo, Gêneros Textuais e Pós-modernidade. Professor Efetivo do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão - IFMA, desde 2016.